

# ARTHUR NEIVA

Certo dia, na universidade de Leipzig, um estudante japonês abordou o eminente Ostwald com esta pergunta estranha:

— Ha meios de se distinguir, cedo, os homens que um dia se notabilizarão nas sciencias?

Esta pergunta, encomendada pelo governo nipponico, embaraçou de véras o grande professor allemão e ficou a verrumar-lhe os miolos por muitos dias. Mas ao cabo de longo matutar apprehendeu finalmente o traço característico dos futuros grandes homens, primeiro a revelar-se em annos verdes: horror á escola. Os alumnos mais bem dotados nunca se mostram satisfeitos com o que lhes offerece o ensino secundario, conformado, sob medida, para a mentalidade e o caracter do maior numero, isto é, dos mediocres. As creaturas de excepção, esses soffrem a asphyxia do ambiente estreito e revoltam-se. Passam a constituir a classe dos poucos alumnos, dos vadios, dos indisciplinados, e acabam, não raro, impulsos da escola.

A pergunta do japonzinho deu lugar a que Ostwald escrevesse o mais interessante dos seus livros — *Os grandes homens* — no qual estuda o problema com o rigorismo analytico dos methodos germanicos. Seus numerosos annos de vida lectiva, na universidade, onde pôde observar a evolução de milhares de alumnos, mais o escabramento da vida, que lhe deu a conhecer grandes homens, verdadeiramente creadores, como Davy, Liebig, Robert Mayer, Faraday e Helmholtz, confirmaram-no naquella intuição.

O signal característico do grande homem, na vida escolar, é sempre a rebeldia ao ensino classico, tendente, como diz Nietzsche, a arruinar a excepção em favor da regra.

Eis porque as academias de sciencias nunca dão de si frutos esperados. A formação fecunda faz-se fóra dellas, em torno de professores notaveis, apaixonados pelo ensino e bastante comprehensivos para soffrer em si a tendencia, innata no homem, de impôr tyrannicamente a personalidade propria, permittindo o livre surto da personalidade dos discipulos. É classico o exemplo da acção formadora de Justus Liebig. Esse chimico deu mais sabios ao mundo que uma universidade inteira; varios paizes disputavam os seus alumnos, vindo elle a exercer, dess'arte, uma influencia enorme no movimento scientifico da época.

Acodem-nos á memoria estes factos ao falar de Arthur Neiva, mais um a confirmar as theorias de Ostwald. Emquanto alumno de academias, vadiou, fóra usual da revolta contra os methodos de ensino. Seus contemporaneos são contestes neste depoimento. Vadiou, e vadiando assignalou-se como um predestinado a brilhar na pleiade dos nossos maiores cientistas. O acaso, depois, fez-o discipulo de Oswaldo Cruz e ahi começa a sua verdadeira formação. Oswaldo era o typo do mestre creador, á maneira de Liebig catalytico, agia pela presença. Fecundava os cerebros com o pollen da sua bondade e do seu fervor pela sciencia. Favorecia no mais alto gráo a evolução personalissima dos alumnos. Creava grandes homens. A elle deve o Brasil o mais fulgurante nucleo de veros cientistas jámais formado em nossas plagas. Um delles foi Arthur Neiva. Ao influxo da alma ardente de Oswaldo Cruz, Neiva revelou-se a si proprio, comprehendendo a sciencia, amou-a e entregou-se-lhe do corpo e alma como outrora os mysticos se entregavam á religião.

Elle proprio o reconhece, dando-se como criação oswaldina, não perdendo ensanchas de proclamar a força de radiação do grande mestre.

De natureza contemplativa, com singular vocação esthetica, á força de treino conseguiu no jogo das suas faculdades dar hegemonia ao bendor scientifico, subordinando-lhe todos os mais. É é hoje um exemplar acabado do sabio moderno, com visão das mais amplas, sensação ecologica da interdependencia dos phenomenos naturaes, humanos e sociologicos, seguro de si, confiante, rijo no trabalho, todo olhos para o futuro, frio ás injuncções mesquinhas do presente, norteado sempre por um calmo determinismo scientifico, creador, ampliador e catalytico á maneira do seu mestre, typo, em summa, dessa classe de cientistas atravez de quem se faz hoje o progresso do mundo.

Uma anecdota documental. Em excursão a Iguape, a ver com seus olhos como iam os trabalhos de combate á opilação e á malaria iniciados lá, convidou-nos para companheiro de viagem. Fomos. Viagem longa, de um dia inteiro, começada em trem e concluida em lancha, pela Ribeira abaixo. Chegámos ao escurecer. Depois do jantar, enquanto os companheiros agitavam-se para o descanso ou desentorpeciam os musculos no bilhar, parou á porta um camarada com tres matungos arreados. Neiva convidou-nos a acompanhal-o e lá fomos, 9 horas da noite, sem saber ao que. Penetrámos na matta, alguns kilometros fóra da cidade. Vimos o aprear-se e accender a lanterna electrica, passeando-a pelo couro do cavallo em procura das anophelinas que incontinentemente acudiram áquelle inesperado banquete. Uma hora passou elle assim, caçando mosquitos, e dissertando sobre as particularidades de cada especie. O caso era este: havia um fóco malarico daquellas bandas, resistente a todos os trabalhos de prophylaxia, drenos, roçados, etc. Informamos disso, durante o jantar, não resistiu á comichão duma pesquisa pessoal, *in-locu*, e lá fóra, enquanto os mais descansavam da viajada, no hotel. E resolveu o problema. Encontrou as anophelinas da especie perigosa, verificando o nulo dellas na agua depositada pelas chuvas nas bromelias parasitas. Estava liquidado o caso. Regressamos, e no outro dia ordens precisas eram dadas para matar de vez a malária de Iguape em seu derradeiro reducto.

Nessa noite comprehendemos o homem, e alcançamos a força tremenda que se potencializa nos apaixonados da sciencia.

Pela primeira vez em S. Paulo um director do serviço sanitario esqecia as suas funcções burocraticas e fazia sciencia pessoalmente, á moda de Oswaldo.

Este facto illústra a "maneira" de Arthur Neiva. Não se limitava nunca a organizar um serviço; ia ver, cheirar, apalpar; identificava-se com elle, apaixonava-se, e transmittia, pelo exemplo, aos seus auxiliares este fervoroso interesse sem o qual todo serviço encrúa em cachetismo burocratico.

Foi assim que remodelou, inteira, a organização sanitaria de São Paulo, erguendo-a ao nivel da dos mais adeantados paizes, e aparelhando-a para marchar na vanguarda do progresso fulgurante do Estado locomotiva.

Esta sua obra não pôde ser bem comprehendida no momento. Creou demais, innovou demais: o quadro saiu de dimensões muito arrojadas para que possamos ver-lhe o con-

junto sem o recuo do tempo. As telas pequenas enxergam-se a um metro de distancia; nas grandes, espaço tão pequeno só permite a visão de detalhes. É o que se dá com a obra de Arthur Neiva em S. Paulo. É cedo para apreciála devidamente. A de Oswaldo, no Rio, não foi comprehendida pelos contemporaneos, chegando a provocar revolução. Hoje, haverá imbecil, um que seja, que não perceba a harmonia da tela?

Não se limitou Neiva á função commoda de chefe dum departamento publico, com rapapés ligeiros aos jornaes, tendentes a crear uma irisação adjectivosa em torno da sua pessoa. Creou. Plan-tou. Semeou. Remodelou serviços velhos e pèrros. Iniciou serviços novos. Restringiu a burocracia ao minimo. Venceu a resistencia tremenda do espirito de inercia, de rotina e de apercepção.

Gastou quatro annos da sua vida nas funcções de mecanico, montando um aparelhamento de primeira ordem, por meio do qual, em materia de hygiene, S. Paulo possa conquistar no mundo um logar de honra. Pô-lo em funcionamento, corrigiu-lhe os defeitos iniciais, e legou aos seus substitutos a tarefa infinitamente mais simples de não deixar que parem as machinas. Se uma funesta solução de continuidade não soffrer o impulso dado por elle, S. Paulo, em breve, será citado no mundo como uma região privilegiada em materia de defesa hygienica.

De Butantan, um simples co-breiro, fez um instituto scientifico superiormente aparelhado para o fabrico de numerosos sóros, muitos delles concentrados, o que constitue novidade no Brasil, e lançou os alicerces da sua transformação numa das primeiras casas de sciencia da America do Sul, rival do Instituto de Hygiene de Buenos Aires e de Manginhos. Se o novo governo comprehender a importancia deste facto e levar a cabo a conclusão do projecto, nos termos em que o eminente Rocha Lima o propoz, fará uma obra de incalculavel alcance para o progresso deste paiz, victima sempre do descaso, ou nenhuma importancia dada á sciencia, como se não fosse ella a fada magica de cujas mãos tudo hoje sae. As bases do grandioso instituto estão lançadas; bastará dotal-o com um quinto da verba annual gasta pelo governo transacto em "gavar" vilissimos piratas da imprensa, para que S. Paulo alcance uma hegemonia a mais, a scientifica.

Bastaria Butantan para notabilizar a passagem de Arthur Neiva por S. Paulo. Elle foi muito além, entretanto. Iniciou a batalha tremenda contra as endemias assoladoras, sob fórma e methodos que provaram alta eficiencia. Numerosas zonas acham-se hoje libertas das verminoses e da malaria. Trabalho silencioso, sem toque de caixa, sem manobra apothetica de imprensa, não diz delle uma procição de adjectivos comprados pela verba secreta a tanto por cabeça. Mas abençoam-no os milhares de doentes opilados, ou malaricos, libertos do flagello graças á energia de Arthur Neiva.

Atacou, ainda, a syphilis, creando cinco postos de assistencia gratuita, por onde passaram já milhares de doentes, atormentados pelo mal luetico.

Estes serviços, se valem, e muito, como realização, valem immenso como prova de possibilidades. É a machina do saneamento que partiu. É a idéa transformada em acção. É o repudio definitivo da parolagem bacharelesca de até aqui, e o inicio da arrancada para a civilização. É o lançamento da primeira pedra do Brasil de amanhã — curado, resurgido, capaz de pôr-se de pé e caminhar.

Foi tudo? Não. Arthur Neiva completou sua obra dotando São Paulo dum Código Sanitario Rural, que é novidade, não só para o Brasil como para toda a America do Sul. Visa elle estender á população do campo, largada até aqui na maior miseria physica e moral, os beneficios que a hygiene já deu ás cidades, estabelecendo medidas prophylaticas contra as endemias, contra a invasão dos indesejaveis e contra a má habitação que as fazendas proporcionam a colonos e camaradas. Novidade absoluta, foi o codigo, a principio, recebido com desagrado e até revolta. Hoje, porém, melhor comprehendido, está acceito, e vae sendo applicado em escala cada vez maior. Muitas fazendas já se remodelaram por elle, e taes foram os resultados colhidos que o estímulo nasceu e todas procuram hoje acompanhar o movimento civilizador.

Em linhas geraes esboçamos aqui uma impressão vaga do que foi a obra de Arthur Neiva em S. Paulo.

Resume-a uma palavra: sementeira. A seára virá, farta, compensadora. É um dia, quando o recuo do tempo permittir a visão integral do quadro, o nome de Arthur Neiva terá no grande Estado o relevo que tem aqui o de Oswaldo Cruz. Ambos desentorpeceram as articulações do paiz e fizeram-no dar um grande passo á frente.

MONTEIRO LOBATO